



Fotografia, jornalismo e tempo: produção e o consumo da imagem jornalística¹

Alan Marcel CASTAMAN²
Rafael Sbeghen HOFF³

Unoesc - Universidade do Estado de Santa Catarina
Campus de São Miguel do Oeste

Resumo

O jornalista é o responsável por buscar um fato, apurá-lo, construí-lo e divulgá-lo. É ele o capacitado para produzir conteúdos jornalísticos. Com a produção da fotografia jornalística, mantém-se o raciocínio. Entretanto, um fato ocorrido em 7 de setembro de 2009, em São Miguel do Oeste/SC, tornou-se objeto de estudos no campo do fotojornalismo. As circunstâncias que o envolvem, propõem reflexões sobre as possibilidades que a sociedade tem para contribuir com o jornalismo, em especial, na área fotográfica. A pesquisa comprova que uma fotografia jornalística não precisa ser produzida por um jornalista. A partir do momento em que uma imagem sem caráter noticioso se apropria de valores jornalísticos, torna-se relevante socialmente e pode ser inserida no fotojornalismo. Isso levanta a tese de que com os avanços tecnológicos, o fotojornalismo não depende mais somente de seus profissionais, e sim, da colaboração do leitor.

Palavras-chave: Fotojornalismo; fotografia jornalística; valor histórico-documental; produção fotográfica; jornalismo colaborativo.

1 Introdução

A pesquisa que aqui se apresenta propõe uma reflexão objetiva – nem por isso superficial e irrelevante – sobre fotojornalismo e fotografia jornalística, no que se refere à sua produção e representação histórica e cultural. Vem ao encontro do jornalismo colaborativo, onde pessoas sem formação em Jornalismo podem produzir imagens de caráter noticioso, e, de encontro à necessidade de uma formação profissional para desenvolver trabalhos fotojornalísticos. Apresenta também, argumentos pertinentes ao conteúdo imagético e sua relação com a memória e a historicidade de um fato.

2 Objetivos

2.1 Objetivo geral

Unir pistas para tentar decifrar o dilema em torno método contemporâneo da produção de uma fotografia jornalística.

¹ Trabalho submetido ao XVII Prêmio Expocom 2010, na Categoria II - Jornalismo, modalidade Fotografia Jornalística (avulso).

² Aluno líder do grupo e estudante do 6º. Semestre do Curso de Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo, email: alan@cajac.com.br.

³ Orientador do trabalho. Professor do Curso de Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo, email: rafael.hoff@yahoo.com.br.



2.2 Objetivos específicos

Definir fotojornalismo e fotografia jornalística;
Relacionar seu valor histórico-documental com a memória cultural de um fato;
Levantar reflexões sobre a produção fotojornalística contemporânea.

3 Justificativa

Uma fotografia, para ter caráter jornalístico, depende, dentre alguns fatores, conter informações de relevância social – interesse público. Tal relevância está diretamente ligada à mensagem que se quer transmitir e de que forma ela será absorvida pelo receptor. Em uma análise menos aprofundada, presume-se que a elaboração de significados parte do conteúdo presente na fotografia e termina na interpretação do leitor. E isso interfere substancialmente no trabalho do fotojornalista. Porém, há outro fator determinante na imagem jornalística. Trata-se de sua atemporalidade, ou seja, o valor histórico-documental que uma foto pode representar dentro do seu contexto social. Cabe aqui, por complementação do assunto, pontuar características do fotojornalismo, como a factualidade; o flagrante; a veracidade; a intenção; a técnica; a aplicabilidade; e a formação profissional do fotógrafo. Tudo isso para tentar fugir de um possível método de produção da fotografia jornalística.

3.1 Fotografia jornalística: o que é e para que serve

Fotojornalismo e fotografia jornalística possuem o mesmo significado? Tentemos responder a questão ao partir do conceito de fotojornalismo proposto por Jorge Pedro Sousa, que, de uma forma abrangente, leva em consideração o valor jornalístico que uma imagem possui:

Fotojornalismo é, na realidade, uma actividade sem fronteiras, claramente delimitadas. O termo pode abranger, quer a fotografia de notícias, quer as fotografias dos grandes projectos documentais, passando pelas ilustrações fotográficas e pelos *features* (as fotografias intemporais de situações peculiares com que o fotógrafo depara) entre outras. De qualquer modo, como nos restantes tipos de jornalismo, **a finalidade primeira do fotojornalismo**, entendido de uma forma lata, **é informar** (grifo do autor). (SOUSA, 2002, p.8)

Ao dizer que a “finalidade primeira do fotojornalismo é informar”, é possível observar que a fotografia deve conter uma mensagem com viés noticioso, isto é, de interesse público, a fim de ser repassada ao leitor por meio dos veículos de comunicação, seja ele impresso, televisivo ou na internet. A foto jornalística pode conter diversas mensagens, mas uma, em especial, deve se destacar. A mensagem em destaque tem de ser aquela que, do ponto de vista que abarca o fato, vai “invadir” o leitor, despertar-lhe sentidos

e construir-lhe significados. É nessa perspectiva que o autor une a imagem ao texto jornalístico como forma de complementação informacional:

Para informar, o fotojornalismo recorre à **conciliação de fotografias e textos** (Grifo do autor). Quando se fala em fotojornalismo não se fala exclusivamente da fotografia. A fotografia é ontogenicamente incapaz de oferecer determinadas informações, daí que se tenha de ser complementada com textos que orientem a construção de sentido para a mensagem (SOUSA, 2002, p.9)

Com base no que Jorge Pedro Sousa conceitua, fotojornalismo e fotografia jornalística são coisas distintas, embora fotografia jornalística esteja inserida no campo do Jornalismo. Se levarmos em consideração que o jornalismo trabalha com a factualidade, veracidade e realidade dos fatos, torna-se evidente a hipótese de que uma imagem, a princípio sem valor-notícia, pode passar a ter caráter jornalístico em um momento posterior. O que determinará tal mudança em seu significado é o contexto social no qual a imagem foi inserida e não as circunstâncias em que ela foi produzida. A imagem passa então, a agregar valores de uma fotografia jornalística, mesmo que tenha sido produzida fora do campo do Jornalismo.

Objetivamente, fotojornalismo é a prática e a produção fotográfica dentro do Jornalismo. Já a fotografia jornalística é, portanto, uma imagem produzida em um contexto individual, que recebe valor-notícia e, a partir daí, passa a pertencer a um contexto coletivo. Serve para informar o leitor e provar veracidade sobre determinado fato dentro do Jornalismo.

3.2 Memória e valor histórico

Como dito anteriormente, as imagens fotográficas exercem o papel de serem construtoras de realidade e veracidade. Entretanto, a fotografia possui, em sua essência, outra função: a de “alimentar” a memória, trazer à tona as lembranças guardadas e incitar a nostalgia do sentimentalismo humano. No mesmo sentido e num pensamento mais concreto, Boris Kossoy complementa este raciocínio ao dizer que fotografia

é memória e com ela se confunde. Fonte inesgotável de informação e emoção. Memória visual do mundo físico e natural, da vida individual e social. Registro que cristaliza, enquanto dura, a imagem – escolhida e refletida – de uma ínfima porção de espaço do mundo exterior. É também, a paralisação súbita do incontestável avanço dos ponteiros do relógio: é pois o documento que retém a imagem fugidia de um instante da vida que flui ininterruptamente. (KOSSOY, 2001, p.166)

A definição apresentada por Kossoy reforça o valor documental que as imagens jornalísticas – e não somente elas – carregam em seu contexto. É explícita a ideia de que tais “fragmentos do tempo” (assim podemos rotular uma fotografia) exerçam a tarefa de documentar e atribuir credibilidade a um fato. E se refletirmos sobre a origem de produção de uma foto, constatar-se-á que existe, no ato do registro da imagem, uma construção de sentidos por meio do olhar do fotógrafo em um determinado *tempo e espaço*. No entanto, esta reflexão sobre a construção de sentidos em um determinado tempo e espaço nos levará a outro fator preponderante na fotografia. O seu valor histórico.

Na concepção de Erivam Moraes de Oliveira, fotografias

são como rascunhos da história. São produzidas enquanto a própria história está sendo construída. Os historiadores concordam que os documentos que atestam uma história não podem ser criticamente analisados enquanto ainda estão sob o calor dos acontecimentos. Fotos que nada valem hoje podem ser cruciais no futuro para entender o que se passou. (OLIVEIRA, 2009, p.157)

Ao trazer a produção fotográfica do contexto histórico para o ponto de vista cultural, o autor afirma que a fotografia jornalística: “[...] como obra de arte, tem vida além dos jornais, bastando ver sua enorme utilização em outras áreas [...]. A fotografia sobrevive à notícia, ultrapassa até mesmo seu autor, tornando-se patrimônio cultural.” (OLIVEIRA, 2009, p. 122)

Resumidamente, o que os dois autores nos propõem – um em complementação ao outro – é que seja repensado o papel da fotografia jornalística. Querem que a aceitemos não somente como um registro do tempo, mas como instrumento de apoio jornalístico com característica documental, como uma fonte de credibilidade e veracidade e, por fim, como um produto de valor histórico e cultural.

Sobre produto e valor cultural, cabe aqui – somente como forma de abrir uma nova discussão no campo do jornalismo – citar Flávio Damm, fotojornalista brasileiro com 64 anos de profissão que ressalta:

Falta ao fotojornalismo brasileiro uma mentalidade cultural menos preocupada com o mercantilismo da fotografia ou o vedetismo de resultados imediatos. Claro que para isso teria sido preciso pensar em trabalhos a longo prazo, sem previsão de retorno financeiro. O que se perde é irreversível, não adianta chorar o leite derramado. A arte brasileira teria ficado agradecida, mas muita coisa ainda poderá ser feita, depende da disposição de se investir em memória cultural. (DAMM, 2008, p.81)

O fotógrafo, ao dizer que “depende da disposição de se investir em memória cultural”, nos leva ao seguinte pensamento mercadológico: que pouquíssimas pessoas ou

entidades investem em algo sem ter a certeza do retorno financeiro imediato. E por isso, na visão dele, uma parte da memória cultural se perde ou é esquecida.

3.3 O fotojornalista como fazedor do fotojornalismo

Abordemos então, a partir de agora, um outro ponto de vista dentro do Jornalismo. Como anteriormente definido nas palavras de Kossoy, fotojornalismo é um termo amplo e complexo que envolve diversos fatores de produção fotojornalística. Porém o fotojornalista – e aqui nos referimos ao fotógrafo com formação profissional – é, até que ponto, a pessoa capacitada para produzir uma fotografia jornalística? Para facilitar a busca por uma possível resposta, analisemos Henri Cartier-Bresson.

Sabe-se que o fotojornalismo recebeu, depois da Primeira Guerra Mundial, um novo método de produção da imagem. Uma readaptação, assim podemos dizer. Com ele, presume-se que a profissão de fotojornalista também tenha sofrido interferências. Isso porque esse foi o período onde revelaram-se nomes como Eric Salomon e Henri Cartier-Bresson (fotógrafos cujo o qual suas imagens registravam um ponto de vista diferenciado).

Marcava-se então, o surgimento do imprevisto, do despercebido, do *instante decisivo*, na lógica de Bresson. “O mestre indiscutível desta corrente é Henri Cartier-Bresson (1908), que criou o termo *Images à La Sauvette* (1952), título de um de seus livros. A tradução inglesa deste livro, *The Decisive Moment*, origina a terminologia portuguesa *instante decisivo*.” (SOUGEZ, 2001, p.258). A partir disso, um novo “olhar” foi revelado. A fotografia jornalística passou a ter mais destaque, relevância e necessidade dentro do Jornalismo.

No entanto, Henri Cartier-Bresson não era jornalista. Contudo, foi e ainda é fonte de estudos em fotojornalismo. Suas técnicas, seu olhar apurado e seus pensamentos são abordados em livros e discursos nas universidades. Em um documentário produzido por um canal fechado de televisão, Bresson faz alguns apontamentos sobre como ele “criava” a imagem antes de pressionar o disparador.

Sensibilidade, intuição, senso de geometria. Nada mais. O que importa é o olhar. Mas as pessoas não olham. A maioria não observa e só aperta o botão. Elas identificam, mas buscar o sentido disso, e disso... (aponta para os próprios olhos), são poucos. (Globonews, 2008)

Henri Cartier-Bresson compara a fotografia com o desenho. Diz que fotografar é como desenhar instantaneamente:

Minha fotografia é só um desenho instantâneo. Você tem que adivinhar rapidinho, rapidinho. Essa é a vantagem da fotografia. Você só precisa de um



(com as mãos, imita o gesto de apertar o disparador da câmera). E para desenhar, você precisa de três dedos. (Globonews, 2008)

Com consciência sobre o depoimento de Bresson, é coerente dizer que a fotografia, assim como o próprio fotógrafo, possuem características peculiares e que, com o passar do anos, devem ser aprimoradas. Ocorre que, no momento em que vivemos, tais aprimoramentos se fazem necessários outra vez, pois há o surgimento das novas tecnologias. Equipamentos, linguagem e produção jornalística se readaptaram. Fator determinante nisso, o tempo.

3.4 Novas tecnologias e o jornalismo colaborativo

Ao partir de estudos e implicações do tempo sobre a produção fotográfica no Jornalismo – ou em qualquer outra área – faz-se necessário diferenciar duas características que o definem: tempo, *como período para produção da imagem*; e tempo, *como período para divulgação da imagem*. Portanto, é aqui que entram as novas tecnologias e suas possibilidades, como citado anteriormente. Ao tratar de tempo, como período para produção da imagem, Kossoy define:

O produto final, a fotografia, é portanto resultante da ação do homem, o fotógrafo, que em um determinado tempo e espaço por um assunto especial e que, para seu devido registro, empregou os recursos oferecidos pela tecnologia (KOSSOY, 2001, p.37)

O que Kossoy nos submete a raciocinar, é sobre o método de produção fotográfica contemporânea. Com um ponto de vista a ser descoberto atentamente, o autor vem dizer que não há um método único ou específico para se produzir uma fotografia de caráter jornalístico, aqui, denominada também, de fotografia jornalística. Pois no entender do autor, cada fotógrafo vai utilizar-se de recursos tecnológicos diferentes, em lugares distintos, para registrar um assunto de um ponto de vista único. E isso pertence ao tempo, no que se refere ao período para produção da imagem.

Ao abordar o tempo, como período para divulgação da imagem – sob a ótica das novas tecnologias – deve-se fazer referência exclusivamente à *web*, como o caminho ideal para divulgação e publicação das fotografias jornalísticas. Isso, por se abordar a *web* como uma ferramenta de alcance global com velocidade instantânea e de múltiplas possibilidades comunicacionais. “Sob o risco de simplificar excessivamente, a internet é a infra-estrutura que permite aos computadores se comunicar entre si por todo o globo terrestre. A *web* é a



interface que permite às pessoas trocar dados, textos, fotos, gráficos, sons e vídeos por meio da internet”. (WARD, 2006, p.10)

É na aqui que entra o jornalismo colaborativo. A partir do nascimento da *web2.0*, surge um novo comportamento no modo de utilização da internet. Pois além da interatividade permitida, o usuário da internet passou a ser um colaborador na produção de conteúdo jornalístico. E com isso diversas barreiras foram rompidas.

Em uma rasa definição, o jornalismo colaborativo é o campo do Jornalismo que permite a participação da sociedade como fazedora de notícias. É a participação efetiva do leitor, do ouvinte e do telespectador na produção jornalística. Portanto, pode ser denominado também de jornalismo participativo.

O jornalismo participativo, aquele em que o leitor se comporta de maneira ativa na produção da notícia, é um dos efeitos das novas tecnologias de comunicação, do qual a internet é a mais conhecida. O fotojornalismo não está isento dessa novidade, e muitos veículos já utilizam essa ferramenta. No Brasil, o pioneirismo parece ser do Grupo Estado, que criou o fotorrepórter em outubro de 2005. Qualquer cidadão pode enviar fotos para os veículos do grupo [...]. (OLIVEIRA, 2009, p.162)

Para fechar o raciocínio sobre jornalismo participativo, faz-se necessário uma argumentação sobre o ponto de vista ético do Jornalismo.

Os efeitos da internet no futuro do jornalismo ainda são obscuros, mas ignorá-los é impossível. Obviamente, essa participação cidadã não pode ser usada para fazer jornais de graça ou sem nenhum tipo de responsabilidade. O veículo de comunicação tem de filtrar essas fotos, checando sua veracidade e a necessidade de publicá-las. É difícil afirmar que a existência do fotorrepórter venha interferir negativamente no mercado de trabalho dos fotojornalistas. O mercado vive sofrendo alterações ditadas pelas novas tecnologias; foi assim com a digitalização da fotografia, que tirou do mercado todos aqueles que não se adaptaram a ela, ou com a chegada da primeira câmera popular, em 1888, a Kodak, que, segundo profissionais da época, causaria uma concorrência desleal e acabaria com seu trabalho. Não só acabou, como ajudou a separar os amadores dos profissionais. (OLIVEIRA, 2009, p.162)

Ao buscar uma ligação com o ponto de vista de Kossoy e Oliveira, ficou-se evidente a necessidade de uma adaptação gradativa da profissão (o Jornalismo) e do profissional (o jornalista), no que tange a linha dos avanços tecnológicos. No entanto, evidenciou-se também que se torna impreciso projetar o futuro da comunicação, a médio e longo prazos, justamente pela evolução rápida das ferramentas de suporte para o exercício do Jornalismo.

4 Métodos e técnicas utilizadas

A foto abaixo resultou obviamente do conhecimento de algumas técnicas fotográficas. Porém, como abordado na pesquisa, não houve um método, e sim, uma intenção particular do fotógrafo: tentar, pela primeira vez, fotografar um raio no céu. Como técnica, resumidamente utilizou-se a velocidade baixa do obturador da câmera; a abertura média do diafragma permitida pela lente; temperatura de luz normal para uma foto sem luz do sol; sensibilidade média do sensor; respiração suave.



Exif da imagem: Câmera Sony DSLR A-100; f/7.1; exposição 1/3s; ISO-400; Comprimento focal 18mm;

5 Descrição do produto ou processo

O produto – que aqui se tornou objeto de estudo – trata-se de ser uma fotografia de um raio no céu produzida na noite de 7 de setembro de 2009 na cidade de São Miguel do Oeste/SC. Nesta noite, ventos fortes e chuva intensa fizeram com que o céu se iluminasse “às custas dos raios”. Diversas residências da cidade ficaram sem energia elétrica durante algumas horas. A imagem intitulada *Árvore Elétrica*, foi registrada por volta das 22h30, pelo estudante de Jornalismo, Alan Marcel Castaman em sua casa. Na manhã seguinte, em torno das 7h, quando a energia elétrica foi restabelecida, Castaman enviou a fotografia do raio, por e-mail, para o local de trabalho, com a finalidade de mostrar aos amigos. No trajeto de



ida para o emprego, ouviu no rádio do carro, por volta das 7h30, que um tornado com ventos de 200 a 350km/h havia atingido o município de Guaraciaba/SC (a 15km de São Miguel do Oeste). De acordo com a divulgação radiofônica daquela manhã, mais de 60 pessoas receberam atendimento nos hospitais de São Miguel do Oeste (vieram de Guaraciaba) e quatro mortes haviam sido registradas. Diante do acontecido, Castaman enviou a foto por e-mail a um professor de fotojornalismo da Unoesc (Universidade do Oeste de Santa Catarina) que o sugeriu repassá-la aos veículos de comunicação local e regional. Com a relevância social que a tragédia já ocupava no noticiário da região, a “Árvore Elétrica” passou a conter valor-notícia. Foi então que o Jornal Folha do Oeste (um dos quais Castaman repassou a fotografia do raio) enviou imagens fotográficas ao portal da Rede Globo na internet, o G1 (www.g1.globo.com). Por critério desconhecido, o editor do portal optou por colocar a fotografia do raio em destaque na página principal. A partir daí, conforme a gerente comercial do Jornal Folha do Oeste, Márcia Daniel, outros veículos a procuraram para solicitar imagens da tragédia, dentre elas, a “Árvore Elétrica”. Buscas na internet no dia seguinte (09/09) revelaram que a “Árvore Elétrica” foi utilizada em diversos blogs e sites de notícias do país e em dois dos considerados principais veículos de comunicação impressa do Brasil, jornais Folha de S.Paulo e o Estado de S.Paulo. Como prova da relevância social da imagem, também viu-se que houve a publicação no Jornal Hoje, da Rede Globo - telejornal diário de abrangência nacional.

6 Considerações

É necessário considerar mais de uma abordagem resultante desta pesquisa. Destaco inicialmente o processo de produção de uma fotografia jornalística. Pois se sabe, conforme revelaram os estudos aqui dispostos, que uma imagem produzida por um fotógrafo que não é jornalista, e que não tem a intenção de fazer uma foto de caráter noticioso, pode com certeza, ser estampada em um veículo de comunicação. Seja ele impresso, televisivo ou na internet. Isso é jornalismo colaborativo, ou também chamado de jornalismo participativo.

Outra consideração a ser pontuada com veemência, é referente ao valor histórico-documental que a fotografia jornalística contém. Tais valores nos mostram que uma imagem não serve apenas como o registro de um fragmento do tempo que vai alimentar nossas lembranças e provocar-nos emoções. Mas que a fotografia jornalística documenta um fato, registra-o na história e interfere na memória cultural da sociedade.



Por fim, cabe ressaltar, como a mais relevante constatação na pesquisa, que o fotojornalismo e o fotojornalista precisam se readaptar às tecnologias, outra vez. Pois não é mais aceitável que um veículo de comunicação se “prenda” em seus fotógrafos para conseguir imagens jornalísticas (valor notícia, interesse público, compromisso social). Assim, fica claro que estas novas tecnologias querem nos abrir os olhos para uma realidade imprescindível: a de que o leitor pode e quer fazer parte da produção de conteúdo no qual ele é o destinatário final.

Referências

DAMM, Flávio. **Preto no Branco** – *Fotos e Fatos*. Santa Catarina: Editora Photos, 2008.

GLOBO NEWS. **Homenagem a Henri Cartier-Bresson**. [online] Disponível na internet via <http://video.globo.com/Portal/videos/cda/player/player.swf>. Acessado em 14/01/2009

KOSSOY, Boris. **Fotografia & História**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

OLIVEIRA, Erivam Moraes de. **Fotojornalismo: uma viagem entre o analógico e o digital**. São Paulo: Cengage Learning, 2009.

SOUGEZ, Marie-Loup. **História da fotografia**. Lisboa: Editora Dinalivro, 2001.

SOUZA, Jorge Pedro. **Fotojornalismo**. *Uma introdução à história, às técnicas e à linguagem da fotografia impressa*. Porto: Letras Contemporâneas, 2002.

WARD, Mike. **Jornalismo online**. São Paulo: Roca, 2006.